

Renovação da inscrição do Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

PROPONENTE

Tutela: Associação Cultural Moinho da Juventude

NIF: 501837825

Morada: Travessa do Outeiro, nº1 - Alto Cova da Moura

Código Postal: 2610-202 Águas Livres

Contactos: 214971070 | dir-acmj@moinhodajuventude.pt

Jakilson Jorge Ramos Pereira - Coordenador da Associação Cultural Moinho da Juventude

Biografia/ Caracterização

A Associação cultural Moinho da Juventude é fruto do acúmulo de trabalho do coletivo da população da Cova da Moura, realizado nos começos dos anos oitenta, tendo sido, oficialmente, constituída pelos moradores da Cova da Moura que de forma espontânea se uniram em torno de questões ligadas ao saneamento básico no dia 01/11/1984. Depois de conseguirem a instalação da rede de água e esgoto para 900 habitantes, criaram uma biblioteca infanto-juvenil com 700 leitores e as mulheres do bairro, grande parte das quais ligadas ao serviço doméstico, organizaram-se na busca de uma melhoria das suas condições de vida. Importa acrescentar que de início trabalhámos em condições precárias: a biblioteca e o ATL funcionavam em salas pequenas na Rua S. Tomé e Príncipe onde a participação nas atividades constituiu, para muitos jovens, uma marca na sua vida. Em 01/11/89 fomos reconhecidos como IPSS e, nos anos seguintes, estabelecemos acordos de cooperação com o Centro Distrital de Lisboa do Instituto de Segurança Social, IP. Em 01/11/90 inaugurámos a nova sede. As novas instalações facilitaram o crescimento da Associação: organizámos Cursos de Formação Profissional; Colaborámos no NOW. Em '94 decorreu a iniciativa *Horizon*, a Formação de Animadores e Mediadores Sociais que dinamizaram a colaboração entre a comunidade, a família, a escola, as instituições. Abrimos em 1995 o Jardim-de-infância. Em 1998 fomos reconhecidos pela DGERT (*Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho*) como Centro de Formação e apostámos em projetos de formação profissional, criando serviços de proximidade. O Moinho é pioneiro na elaboração de novos perfis profissionais como o/a Mediador sociocultural e o/a Técnico/a da Experiência. Construímos o Instrumento de Reconhecimento e Validação de competências de Agentes da Acção Educativa (via internet) em 2000. Iniciámos em 2001 a Creche Familiar e abrimos a Creche "A Árvore" em 2003. No "PULO", 4 "Mães de Bairro" promovem a formação parental com 84 famílias.

A Associação Cultural Moinho da Juventude tem como missão "um mundo melhor é possível se a gente quiser" e operacionaliza a Teoria de Interligação, reforçando a ligação com o corpo, com as emoções, com a própria cultura e com a cultura dos/as outros/as, com os objetos/equipamentos e com a natureza, estando consciente que a delinquência é uma falta de "link", de ligação. Adota 12 traves-mestres que orientam a sua atuação. A destacar: a interculturalidade, a cooperação, a comunicação e o diálogo, o gender, a criatividade e a solidariedade numa perspetiva de empowerment. Aposta na metodologia "Diagnosticar/Refletir/Agir" no quadro dum trabalho em Tandem do/a Técnico/a da Experiência e do/a Técnico/a Académico. Num trabalho de equipa. No âmbito das atividades do Centro Tomkiewicz para aprofundar metodologias, os princípios e conceitos, neste caso, no que respeita à atividade formativa. E na importância da formação em exercício para um melhor e eficaz trabalho de intervenção social. Aposta na metodologia "Diagnosticar/Refletir/Agir" no quadro dum trabalho em Tandem do/a Técnico/a da

Experiência e do/a Técnico/a Académico. Num trabalho de equipa. No âmbito das atividades do Centro Tomkiewicz para aprofundar metodologias, os princípios e conceitos, neste caso, no que respeita à atividade formativa. E na importância da formação em exercício para um melhor e eficaz trabalho de intervenção social. Nestes âmbitos o Moinho tornou-se promotor e parceiro em vários projetos no âmbito dos fundos da UE e do Estado Português. Faz parte da rede do Serviço Voluntário Europeu (SVE), realiza intercâmbios de jovens na Europa. Faz parte de várias redes Rede Europeia Anti Pobreza (REAPN), Rede Nacional das Associações Juvenis (RNAJ), Conselho Local de Ação Social Amadora (CLAS). Tem parcerias a diferentes níveis de trabalho (Instituições do Estado, Universidades e ONG nacionais e internacionais, Associações Empresariais, diversas Empresas entre outros organismos). O trabalho realizado pela ACMJ, sobretudo no que respeita às questões da promoção dos direitos humanos, do reforço da cidadania e da participação social e cívica das pessoas e da igualdade de género, é reconhecida por instituições públicas e privada.

Porém, as atividades culturais são uma das facetas importantes do trabalho desenvolvido pela Associação Cultural Moinho da Juventude, constituindo a face mais visível de uma acção longa e transformadora, assente no quotidiano do Bairro da Cova da Moura. A Associação Cultural Moinho da Juventude empenha-se na criação de contextos favoráveis ao desenvolvimento de expressões culturais diversificadas, procurando aliar um enfoque nas questões da identidade cultural com a promoção do desenvolvimento pessoal e o fortalecimento da cidadania ativa. Por essa razão foi construído um “Studio” de gravação onde sobretudo os grupos de Hip Hop/RAP dão asas a sua criatividade e implementação projectos de workshop e escrita criativa pelos quais frequentaram assiduamente nomes sonantes do universo do hip hop nacional. E através da dança, as Wonderfull’s Kova M conseguiram um diálogo entre a dança contemporânea e a dança africana e levaram o seu espetáculo IMAN até Ramallah e Jerusalém. No que se refere à festa de Kola San Jon, especificamente, a Associação Cultural da Juventude serviu de catalizador da vontade existente entre moradores do Bairro da Cova da Moura para realizar a festa no bairro, através do exemplo do trabalho que desenvolvia já com o Grupo de Batuque Finka Pé. A partir de uma proposta feita pelo membro da direção natural da ilha de Santo Antão/Cabo Verde, a associação desde cedo assumiu o papel de instituição de acolhimento do grupo de KSJ, assegurando a organização de aspectos que permitem a sua existência.

Domínio: Práticas Sociais, rituais e festejos populares

Categoria: Festividades Cíclicas

Denominação: Kola San Jon

Contexto tipológico: A Festa de Kola San Jon é uma festa popular que se realiza no bairro Alto da Cova da Moura por ocasião do dia de São João. Envolve gastronomia, música, dança, palavra e artefactos, recriando, em contexto migrante, alguns aspetos da cultura cabo-verdiana, nomeadamente das festas que se realizam entre o dia 3 de maio (dia de Santa Cruz) e o dia 29 de junho (dia de São Pedro) nas ilhas de Barlavento (Santo Antão, São Vicente e São Nicolau).

Contexto social: Comunidade(s): Habitantes do Bairro do Alto da Cova da Moura e arredores.

Contexto territorial:

Local: Bairro do Alto da Cova da Moura

Freguesia: Águas Livres

Concelho: Amadora

Distrito: Lisboa

País: Portugal.

NUTS: Portugal \ Continente \ Lisboa \ Grande Lisboa

Contexto temporal:

Periodicidade: O Kola San Jon realiza-se com uma periodicidade anual.

Data(s): O sábado/domingo mais próximo de 24 de junho, dia de São João.

Caracterização

Síntese: A festa de Kola San Jon consiste num evento multi-expressivo que se realiza no bairro do Alto da Cova da Moura, por ocasião do dia de São João (no fim de-semana mais próximo de 24 de junho). Tem como elemento central um cortejo, que envolve música instrumental (tambores e apitos, entre outros), música cantada, dança, palavra e artefactos (navio, bandeiras, imagem do santo, espada, ramo, traje, entre outros). Recria, em contexto diaspórico, alguns aspetos da tradição cultural cabo-verdiana (sobretudo das ilhas do Barlavento), nomeadamente das festas que se realizam entre o dia 3 de maio (dia de Santa Cruz) e o dia 29 de junho (dia de São Pedro) e que atingem o seu momento mais importante na festa de São João. Em Cabo Verde a multiplicidade de significados do Kola/Kolá San Jon pode ser observada nas diferentes dimensões performativas e expressivas (a música, a dança, a palavra e os artefactos) bem como na componente religiosa (que inclui, por exemplo, a realização de missas, procissões e de peregrinações nas quais ocorrem “pagamento de promessas”). A sua preparação estende-se ao longo do ano com apresentações em contextos diversificados como exposições espontâneas de rua, performances em palco, participação em festas populares em Portugal e no estrangeiro. O Kola San Jon foi trazido para Portugal por migrantes de origem cabo-verdiana e desempenha, no espaço de acolhimento, um papel importante na representação de memórias e na construção de sociabilidades, proporcionando aos participantes uma instância de avaliação positiva da diferença cultural e social experienciada na Cova da Moura. Neste enquadramento desempenha um papel importante na ligação ao país de origem e na construção de um sentimento de pertença pelo país de acolhimento.

Caracterização desenvolvida:

A festa de Kola San Jon consiste num evento multi-expressivo que se realiza no bairro do Alto da Cova da Moura, por ocasião do dia de São João (no fim-de-semana mais próximo de 24 de junho). Tem como elemento central um cortejo, que envolve música instrumental (tambores e apitos, entre outros), música cantada, dança, palavra e artefactos (navio, bandeiras, imagem do santo, espada, ramo, traje, entre outros). Recria, em contexto diaspórico, alguns aspetos da tradição cultural cabo-verdiana (sobretudo nas ilhas do Barlavento), nomeadamente das festas que se realizam entre o dia 3 de maio (dia de Santa Cruz) e o dia 29 de junho (dia de São Pedro) e que atingem o seu momento mais importante na festa de São João. Em Cabo Verde a multiplicidade de significados do Kola San Jon pode ser observada nas diferentes dimensões performativas e expressivas (a música, a dança, a palavra e os artefactos) bem como na componente religiosa (que inclui, por exemplo, a realização de missas, procissões e de peregrinações, nas quais ocorrem “pagamento de promessas”). É pertinente acrescentar que, durante o ciclo das festas juninas em Cabo Verde, ocorrem, com mais frequência, rituais como batismos e casamentos tendo em vista o papel tradicionalmente desempenhado pelo Santo António (santo casamenteiro) e a forte presença de emigrantes em férias que visitam seus familiares na ocasião.

A preparação das festas de Kola San Jon estende-se ao longo do ano com apresentações em contextos diversificados como exposições espontâneas de rua, performances em palco, participação em festas populares, religiosas e datas festivas municipais em Portugal, em particular as Festas Populares de Lisboa

como o dia de Santo António na Cidade de Lisboa. A festa do Kola San Jon da Cova da Moura suscitou o convite para colaboração em filmes e documentários, nomeadamente o filme “Fados”, do realizador espanhol Carlos Saura, e o documentário “Kolá San Jon: É festa di Kau Berdi”, do realizador português Rui Simões.

O Kola San Jon foi trazido para Portugal por migrantes de origem cabo-verdiana e a festa é realizada pelos emigrantes caboverdeanos que ali residem desde a década de sessenta do sec. XX desempenhando, no espaço de acolhimento, um papel importante na representação de memórias e na construção de sociabilidades, proporcionando aos participantes uma instância de avaliação positiva da diferença cultural e social experienciada na Cova da Moura. Neste enquadramento desempenha um papel importante na ligação ao país de origem e na construção de um sentimento de pertença pelo país de acolhimento.

No Alto da Cova da Moura as pessoas usam a grafia “Kola San Jon”, mas há várias grafias para o termo Kola San Jon, como é o caso de “Colá Son Jon” e de “Colá San Djon”. O uso da letra “k” na grafia de “Kola San Jon”, foi adotado à semelhança do que acontece com a designação “Kova M”, utilizada para o bairro e também devido aos cursos de língua cabo-verdiana lecionados no Moinho, os quais levaram em consideração o ALUPEC (Alfabeto unificado para a escrita do cabo-verdiano). A expressão “Kova M” foi lançada pelos jovens do movimento *hip hop*, que propõem o uso da letra “K” para dar à representação do bairro e dos seus habitantes um sentido positivo, alternativo às associações estigmatizantes e racialistas veiculadas pelos media. De acordo com alguns dos participantes mais velhos, Kola San Jon quer dizer “saudar São João”. Por outro lado, a palavra “kola” está associada ao verbo “kolar”, que significa “dançar” e “colar” e refere-se ao momento em que os corpos dos dançarinos se unem. A ação de “colar” corresponde a um desenho coreográfico designado por “golpe da umbigada”. A palavra “kola” é também adotada para designar o grupo que assegura a realização da festa, o chamado “Grupo Kola San Jon”. Contudo, este debate é bastante longo, sobretudo entre os intelectuais cabo-verdianos, já nos anos 1960, como Baltazar Lopes da Silva, Almerindo Lessa, Júlio Monteiro e Daniel Tavares, que procuram pesquisar o significado do termo, no qual mais tarde o antropólogo e etnomusicólogo Alcides Lopes veio a defender que o termo Colá, em particular, possui um significado polissémico “*Colá* significa plenamente entoar em voz alta ou cantar versos improvisados (...). *Colá* é também o arfar dos corpos suados que se movem no mesmo ritmo e se tocam (...). *Colá* é também o êxtase da dança que é materializado em gritos de euforia, tambores e apitos. Também a pesquisadora Carla Queiroz da Costa afirma, na sua tese de doutoramento, que no intuito de perceber essa questão procurou esclarecimento junto da linguista Elvira Gomes dos Reis da Universidade de Cabo Verde que confirmou que “o crioulo cabo-verdiano é de natureza fonético-fonológico por isso todo o som [k] escreve-se com a letra K pelo que, no seu entender é correto empregar a expressão “Kola San Jon”.

A festa do Kola San Jon começa a preparar-se a partir da Primavera, com a realização de reuniões quinzenais do grupo “Kola San Jon” nas instalações da Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ). Coordenadas por três elementos do Grupo que são também elementos da ACMJ, estas reuniões têm como objetivos definir o programa da festa e fazer a distribuição de tarefas de forma individual ou em grupo. É também nesta época do ano, anterior à festa e coincidente com o final do Inverno, que o “grupo de Kola San Jon” começa a fazer, mais frequentemente, exibições públicas, sendo esses os únicos contextos em que os seus elementos se encontram e atuam em conjunto. Nas reuniões do “grupo Kola San Jon”, a coordenação informa todos os participantes de convites formulados por outras organizações e instituições. Todas as questões de natureza económica, artística e/ou organizacional são discutidas e decididas coletivamente. Com a aproximação do mês de junho, a preparação da festa intensifica-se, sendo constituído na ACMJ um núcleo coordenador. As diferentes respostas sociais e projetos da ACMJ são mobilizados para a festa. Algumas equipas da ACMJ preparam eventos específicos, incluídos no programa da festa. Nos dias

imediatamente anteriores à realização da festa, todos os funcionários e voluntários se ocupam de aspetos como a decoração do bairro, que é assegurada por equipas responsáveis por zona, seguindo os conselhos dos moradores, que conhecem a festa desde a sua meninice, bem como por voluntários. As ruas são enfeitadas com decorações alusivas aos Santos Populares. Nas áreas mais habitadas por pessoas originárias de São Vicente ou de Santo Antão (“sampadjudos”), algumas ruas são decoradas pelos seus moradores. Dias antes da festa, os tamboreiros encontram-se para “puxar” (afinar) os tambores. Em geral organizam-se exposições alusivas à festa ou debates, encontros e oficinas, ao longo da semana anterior e/ou na manhã antes da festa.

No dia da festa o grupo de Kola, em maior número mulheres, começa a reunir-se na noite anterior ou ao longo da manhã na ACMJ para ultimar os preparativos, como por exemplo a decoração do navio, a elaboração de rosários e a decoração da imagem do santo, a confeção de roscas, alimentos vários (incluindo um almoço), os preparativos para a Katxupa e a preparação de cestos de oferendas (fruta e legumes) para levar no cortejo. Outros elementos do “grupo de Kola San Jon” iniciam o dia de festa em casa, onde telefonam para Cabo Verde ou recebem convidados para almoçar, antes de sair para as instalações da ACMJ.

Os festejos iniciam-se ao princípio da tarde e prolongam-se pela noite dentro. A primeira parte da festa é constituída pelo cortejo que se faz pelas ruas do bairro e que termina com a partilha de uma refeição (habitualmente constituída por Katxupa), aberta a todos, que se realiza na sede da ACMJ. A segunda parte da festa consiste num concerto com diferentes grupos musicais, realizado num dos espaços públicos do bairro: o espaço polidesportivo situado num dos limites geográficos do bairro, a escola ou outro.

À hora do almoço a sala polivalente da ACMJ enche-se com os elementos do Grupo que almoçam em conjunto. O almoço decorre em clima informal, cada um deslocando-se livremente entre a cozinha e a sala, junto dos navios, do santo, dos rosários e dos trajas a distribuir pelos que ainda não levantaram o seu (incluindo as camisolas alusivas à festa daquele ano). Quando terminam o almoço, os tamboreiros, já munidos dos instrumentos que trouxeram de casa ou levantaram na Associação, descem para o pátio e iniciam “a toka”. Gradualmente, juntam-se-lhes as koladeiras e um ou outro homem, que começam a dançar (“kolar”). O pátio da Associação vai enchendo até que, um pouco depois da hora marcada no programa da festa, pode iniciar-se o cortejo que percorrerá o bairro.

A performance do grupo constitui o centro do cortejo, estando ligada aos protagonismos e inspiração dos seus diferentes elementos. Na expressão de vários participantes na festa, o Kola San Jon é uma festa, “de todos”, a que se chama também “brincadeira”. Sem líderes aparentes, a festa é vista como sendo movida unicamente pela energia que decorre do ritmo e da atmosfera festiva que distingue esta manifestação. Um elemento central na organização de um Grupo de Kola é o “navio”. Trata-se de um pequeno navio construído em madeira e que envolve o corpo de um dos elementos que integra o cortejo. Remete para um aspecto familiar na experiência da população cabo-verdiana, mas a que se atribui no Kola San Jon uma associação simbólica incerta ou polissémica. Considera-se que o navio poderá aludir às caravelas portuguesas (trazendo nas suas velas a insígnia da Ordem de Cristo) mas, também, aos navios de pirataria que assolavam, no passado, as costas de Cabo Verde. Por sua vez, Lopes (2020, p. 212-217) desafia as narrativas mais aceites sobre o papel do *Navio de San Jon*, quando apresenta, na sua tese de doutorado, algumas alternativas possíveis à alegoria do navio citando o historiador guianense Walter Rodney (1970). A “tripulação” do navio integra o Kola com o/a “comandante” (ou “almirante”), que o leva dançando num modo que evoca a arte de velejar, e a/o “capitã(o)” que, munido de espada (de madeira) e apito, insta o público a fazer uma oferenda ao navio, devidamente depositada no porão (esta função também pode ser cumprida pelo comandante do navio). O número de navios que participa no cortejo depende das pessoas dispostas a carregá-los e de quantos tenham sido decorados previamente (a ACMJ dispõe de cinco navios,

incluindo o do “Kolinha”, construído para as crianças). A “tripulação” do navio (o/a comandante/almirante ou o capitão) realiza um peditório junto de quem passa, exortando os participantes a contribuir com “frete para este navio”. Nos primeiros anos a colecta fez-se junto dos moradores, ao passo que nos últimos anos, é sobretudo junto dos estabelecimentos públicos do bairro – cafés, associações – que a mesma é feita.

Na Cova da Moura, constata-se a centralidade da quadra/roda de tamboreiros, sob a orientação de um dos membros fundadores do grupo de Kola da Cova da Moura. Num diálogo percussivo, condicionado pelas configurações dos ritmos emergente e resultante, a partir de concepções holísticas do tempo musical circular, que se integra em diferentes padrões rítmicos (Lopes, 2017, pp. 89-118), vários tocadores de apitos (entre eles o capitão), a quadra/roda de tamboreiros estabelecem e tocam a música ao som da qual as e os koladeiras executam uma “dança” (termo usado como aproximação ao tipo de performance, mas que as koladeiras e outros executantes e conhecedores do Kola não reconhecem como designação apropriada, usando sempre a palavra “kolar”), que designam por “kolar”. Centrada sobre si mesma (com os tamboreiros virados uns para os outros), a progressão da quadra/roda é orientada por um tocador de apito, que assegura que as pessoas em redor deixem espaço disponível para o avanço dos tocadores.

As/os koladeiras “kolam” na proximidade da quadra de tamboreiros, em pares que podem ser constituídos por uma mulher e um homem (não havendo designação específica para o homem) ou por duas mulheres. Envolvendo a sucessiva aproximação e afastamento dos corpos ao ritmo da toca e, no culminar da aproximação, o toque dos corpos ao nível da zona pélvica (o “golpe da umbigada”), a “dança” pode ser acompanhada por palavras que comentam a sua conotação sexual: “*Oh Jon, kola per riba, per boxe e ne de bo conta*”. (“Oh João, kola por cima, por baixo não é da tua conta”, Lopes, 2017, pp. 91-92).

As koladeiras e os homens que com elas kolam (sem designação específica) compõem o segmento mais numeroso do cortejo. A dança pode ocorrer em pares, em grupos de três pessoas, em que uma delas encontra sucessivamente um e outro parceiro de dança, ou em grupos de dois pares, que se cruzam entre si (alternando os movimentos de afastamento e de aproximação dos corpos), ou, mesmo, de seis pessoas. Estas diferentes formas de “kolar” vão acontecendo ao longo do cortejo, num clima de desafio.

Outros participantes no cortejo transportam a imagem de São João, profusamente adornada com coloridos rosários, feitos de massa de pão (roscas), pipocas, frutos, doces e papelinhos, alguns cestos de comida, algumas plantas de milho e, pelo menos, um ramo feito e oferecido todos os anos por uma koladeira do Grupo, que pode ser leiloado após a realização do cortejo, embora tal nem sempre aconteça.

Em Cabo Verde, a componente religiosa da festa de São João inclui a realização de missas, peregrinações, pagamento de promessas e o culto ao santo, o que não acontece na Cova da Moura. Neste lugar a imagem de São João integra o cortejo, mas não é cultuada publicamente, embora várias pessoas, nas suas casas, lhe façam/pagam promessas.

A estes vários elementos do cortejo juntam-se outras pessoas que o acompanham, misturam-se com o grupo kolando, por um período de tempo curto ou até ao final do percurso. Entre estes participantes encontramos moradores do bairro, pessoas com ligações pessoais ao bairro, mas que ali não residem, cabo-verdianos atraídos pela realização de uma festividade da sua terra natal e outros visitantes atraídos pelo Kola San Jon e por outras atividades da festa. Vários participantes usam rosários pendurados no pescoço, idênticos aos que decoram o santo e o(s) navio(s), rosários esses que fizeram e trouxeram de casa, que foram oferecidos pelo Grupo, ou vendidos por este com vista à angariação de fundos. A dimensão do cortejo depende do número de pessoas que se juntam ao Grupo nas ruas.

Na Cova da Moura, o cortejo leva à sua frente as bandeiras de Cabo-Verde, Portugal e da Associação Cultural Moinho da Juventude. Contudo, desde 2012, por sugestão feita por um dos elementos do Grupo numa das reuniões de preparação do evento, juntaram-se às três bandeiras referidas também as bandeiras de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Brasil, com o intuito de fazer da festividade cabo-

verdiana uma festa que espelha a diversidade cultural existente no bairro. Estas bandeiras são levadas por moradores da Cova da Moura oriundos dos países respectivos ou pelos seus descendentes.

Saindo da sede da Associação Cultural Moinho da Juventude e aí regressando no final, o cortejo percorre circularmente o bairro, caminhando ao longo de grande parte das suas ruas, com destaque para as ruas e locais de encontro decorados por habitantes e mais habitadas/frequentadas por cabo-verdianos oriundos das ilhas de Santo Antão e de São Vicente (“sampadjudos”). O percurso é pontuado por um conjunto de paragens significativas, incluindo as sedes de outras coletividades do bairro (Associação de Moradores do Alto da Cova da Moura e Associação de Solidariedade Social do Alto da Cova da Moura) e a residência dos fundadores da Associação Cultural Moinho da Juventude. Todos os anos se estabelecem, adicionalmente, paragens destinadas a assinalar simbolicamente a importância de iniciativas ou temáticas específicas que marcam a vida do bairro e/ou da ACMJ. Desde 2015 foi adicionado ao percurso histórico à visita a Rotunda Eduardo Azeredo Pontes, em jeito de homenagem, cofundador da Associação Cultural Moinho da Juventude e algumas vezes a casa dos membros que faleceram ou que estão doentes. Durante estas paragens é distribuída gratuitamente água a todos os que integram o cortejo e – na residência dos fundadores da ACMJ, na sede da Associação de Moradores e na sede da Associação de Solidariedade Social (“O Clube”) – são oferecidos petiscos, frutas e doces.

Além de ser referido, pelos elementos do grupo de Kola, como “uma brincadeira” e uma festa “de todos”, o Kola San Jon também é definido como uma festa “de partilha de valores”, uma festa “dos pobres” ou mesmo uma festa “do povo”. Na Cova da Moura, a Associação Moinho da Juventude prepara cinco grandes panelas de Katchupa, que é partilhada no final do cortejo. Para esta Katchupa contribuem restaurantes locais que oferecem milho, feijão, carne e hortaliças (os restaurantes locais que fazem parte do projeto SABURA - iniciativa da Associação Moinho da Juventude que promove visitas de grupos, escolas ou associações que queiram conhecer o bairro do Alto da Cova da Moura e os projetos que aí se desenvolvem). A Katchupa é um prato partilhado e consumido durante a própria festa. Começa por cozer-se o milho amarelo e branco pisado, porque é mais rijo. Ao milho vão-se juntando uma variedade de ingredientes, um pouco ao critério de quem confeciona a Katchupa: feijão pedra, feijão Congo, feijão manteiga, feijão catarino, alguma carne de porco, orelha, chispe, agrião ou couve. A Katchupa pode enriquecer-se com mandioca, batata-doce, cenoura, farinheira, chouriço, etc. No entanto, também há quem a prefira mais simples, de modo a que possam sentir-se bem os sabores distintos dos ingredientes usados.

A festa anual do Kola San Jon na Cova da Moura tem sido realizada ao longo dos últimos 33 anos com uma periodicidade anual, com a exceção de dois anos em que problemas pessoais afetaram elementos-chave do Grupo e impediram a sua efetivação e também durante os dois anos assolados pela Pandemia Covid-19, no qual por razões sanitárias. Constitui um momento importante de contacto de todos os moradores do bairro com esta manifestação cultural.

O “Grupo do Kola” perpetua-se para lá da realização anual da festa, através da participação em diversas iniciativas, com destaque para os convites formulados por entidades terceiras, com vista à apresentação do Kola San Jon em eventos específicos. Fora do bairro (numa dinâmica que está, também ela, muito ligada ao papel de mediação da Associação Moinho da Juventude), o Kola San Jon da Cova da Moura vem sendo progressivamente reconhecido, ao longo dos anos, como um evento cultural cabo-verdiano. O “Grupo do Kola” tem sido convidado por outras entidades para participar em diversos eventos performativos, entre as quais se destacam a participação no filme “Fados”, de Carlos Saura, que lhe conferiu maior visibilidade. Tem também tomado a iniciativa de participar em eventos exteriores ao bairro, com destaque para a participação anual, na noite de 12 de Junho, nas Festas de Lisboa, associadas à celebração do Santo António, e – em 2009 – no Kola San Jon de Porto Novo (Ilha de Santo Antão) e de São Pedro (Ilha de São Vicente), em Cabo Verde, etc. Em 2011 foi a Itália a convidar o diretor artístico da segunda exposição nacional de

arte contemporânea (PREMIO CENTRO 2011 – Della II esposizione Nazionale delle Arti Contemporanee “La Citta” e l’Umano”) que decorreu nas cidades italianas de Viterbo, Bomarzo e Ronciglione. Em 2018 o grupo viajou para Luxemburgo onde participou na Weekend Capverdien Festival, realizada nos dias 13, 14, 15 de julho de 2018.

O acesso e pertença ao Grupo de Kola são abertos e, nas palavras dos seus membros, motivados “pela alegria que proporciona”. Enquanto que em Cabo Verde o Kola San Jon se faz apenas em algumas ilhas, sobretudo nas ilhas do Barlavento, na Cova da Moura o Grupo vem atraindo a si pessoas com origem nas várias ilhas do arquipélago e, também, de outros países. Este facto é apontado pelos próprios envolvidos como um traço distintivo do Kola San Jon da Cova da Moura, fazendo com que a festa deixe de ser uma prática de São Vicente ou de Santo Antão para passar a ser uma prática «cabo-verdiana» ou mesmo, gradualmente, do bairro.

Em consonância com as dinâmicas descritas, o “grupo de Kola San Jon” debate explicitamente, entre si, quais os modos considerados mais próprios para o Kola na diáspora. Um exemplo ilustrativo deste tipo de processo é o debate sobre o modo como os tamboreiros e as koladeiras se devem vestir e apresentar nos momentos performativos. A discussão tem sido feita no seio do grupo, no qual uns valorizam a espontaneidade atribuída ao Kola, como “festa de todos”, e outros defendem a necessidade de conferir ao Grupo sinais distintivos.

Contexto de transmissão:

Estado de transmissão activo

Descrição: A primeira realização do Kola San Jon deu-se em 1984, por iniciativa das pessoas que viriam mais tarde, a partir de 1991 e sob o enquadramento da Associação Moinho da Juventude, a realizá-la todos os anos (com exceção de 1999 e 2001, por impedimentos pessoais de pessoas envolvidas na organização).

A realização da festa é assegurada desde 1991 pelo “grupo de Kola San Jon”, sob o enquadramento da ACMJ. Para muitos cabo-verdianos residentes no Alto da Cova da Moura, o Kola San Jon é uma festa “de sampadjudos”, isto é, de naturais das ilhas cabo-verdianas de Barlavento (Santo Antão, São Vicente e São Nicolau), a quem os cabo-verdianos atribuem hábitos culturais diferentes dos “badios”, cabo-verdianos das ilhas de Sotavento (Santiago). São os habitantes nascidos em Santo Antão, São Vicente e São Nicolau, de facto, que mais manifestam afetuosamente a sua ligação ao Kola San Jon, que recordam ter vivido em Cabo Verde. Habitualmente, são também os filhos de migrantes naturais das ilhas de Barlavento que aprendem com os pais a “kolar” ou a tocar tambor, a construir e a decorar o navio, a fazer os rosários e outros adornos da festa, proporcionando assim um contexto de transmissão inter-geracional contínuo. O acesso e pertença ao “grupo de Kola San Jon” são, no entanto, abertos. No Alto da Cova da Moura o grupo vem atraindo a si pessoas com origem nas várias ilhas do arquipélago cabo-verdiano e, também, de outros países. Este facto é apontado pelos próprios envolvidos como um traço distintivo do Kola San Jon do Alto da Cova da Moura, fazendo com que a festa deixe de ser uma prática de São Vicente, de Santo Antão ou de São Nicolau para passar a ser um evento «cabo-verdiano» ou mesmo, um evento do bairro. Por outro lado, pelo facto de envolver um percurso colectivo por todo o bairro, pela crescente visibilidade que vai ganhando, pelos convites feitos, o Kola San Jon contribui diretamente para a vivência do bairro como uma totalidade socio-espacial, sendo também uma instância de avaliação positiva da diferença cultural e social experienciada pelos seus habitantes mais em geral. Pelo lugar que veio a ocupar na Cova da Moura, o Kola San Jon aparece cada vez mais como a grande festa do bairro. Para além dos habitantes do bairro, a festa envolve visitantes que queiram juntar-se ao grupo durante o cortejo, acompanhando-o, “kolando”, tocando tambor ou levando o navio. Entre estes visitantes encontram-se pessoas com ligações pessoais/familiares no bairro,

mas que ali não residem, cabo-verdianos atraídos pela realização de uma festividade “da sua terra” e outros visitantes atraídos pelo cortejo ou outras actividades da festa.

A transmissão dos saberes e práticas associados ao Kola San Jon faz-se através da oralidade e, sobretudo, pelo envolvimento prático, através da participação direta nas atividades do “Grupo de Kola San Jon”. Este oferece um contexto propício à aprendizagem pela prática, sendo comum os adultos fazerem-se acompanhar de crianças durante as performances. Este processo é extremamente favorável à transmissão intergeracional. No que se refere à aprendizagem do tambor, as crianças aprendem pela prática, seguindo o exemplo dos adultos, em pequenos tambores que estes constroem para o efeito, ou tocando por iniciativa própria, em pratos, tampas de panela e objectos afins. Foi assim que aprenderam os tamboreiros mais novos do grupo, filhos da geração que imigrou para Portugal. Os/as koladeiras e os rapazes que as acompanham aprendem a dança através da participação direta na festa e outras atuações do Grupo, para as quais são levadas pelas mães e outros familiares. Ocasionalmente, o Grupo é convidado para organizar um workshop de dança, em eventos no bairro (por exemplo, durante o “Kova M Festival” – festival da juventude, em Abril de 2012) ou fora dele (por exemplo, durante o festival Andanças, em Agosto de 2000, Marcha Internacional das Mulheres, 2015, com o artista da Cidade de Lisboa 2016, Faustin Linyekula, em Fevereiro de 2016 Encontro entre a Escola de Verão “Epistemologias do Sul” e a Associação “Moinho da Juventude”, em Abril de 2016, Academy for Music Impact, 2022, etc.). Três navios foram construídos no bairro por moradores mais velhos, que aprenderam a fazê-lo em Cabo Verde. Transmitiram os seus conhecimentos aos seus filhos, sobrinhos e vizinhos mais novos. Algumas crianças do bairro assistiram à construção do barco do “Kolinha” e assistem por vezes às operações de manutenção dos barcos (arranjos na estrutura e renovação da decoração). As modalidades de transmissão dos conhecimentos para as novas gerações vêm imbuidas de valores e estratégias desenvolvidas a partir das experiências vivenciadas pelo grupo durante algumas décadas. As viagens, às vezes com destino aos outros países europeus, requerem o transporte dos instrumentos (tambores) e dos artefactos (navios). Estes têm se demonstrado de difícil manuseio devido à desmontagem para despacho em voos ou transporte em ônibus. Em resposta a estes constrangimentos, um ladrilheiro cabo-verdiano, morador do bairro e irmão de uma das integrantes fundadoras do grupo, Tito Duarte, construiu um navio desmontável, inovando assim um processo de construção tradicional sem descaracterizar o artefato usado no cortejo do Kola San Jon. Antes pelo contrário, nos depoimentos prestados pelo artesão, há consciência plena sobre questões como leveza e maleabilidade dos materiais usados, sem se descuidar das preferências estéticas. Finalmente, os rosários com que se adornam os participantes e com os quais adornam o santo e os navios são feitos em casa, principalmente por mulheres, ou na Associação, contando com o envolvimento e a aprendizagem das raparigas mais novas.

Modo de aprendizagem das gerações mais novas

A participação de jovens no Kola San Jon dá-se através do seu envolvimento ativo na festa no bairro, nas reuniões do “grupo de Kola San Jon” que a antecedem e nas saídas do mesmo para participação em eventos diversificados. Existe, também, todo um trabalho de sensibilização para o Kola San Jon desenvolvido no âmbito das atividades quotidianas da ACMJ, com destaque para a constituição do grupo “Kolinha”, um grupo infantil de Kola San Jon, no Jardim de Infância (15 crianças). Este grupo está munido do seu próprio navio, construído com as crianças na carpintaria da associação em 2008, e participa na festa anual.

Modo de transmissão oral

Idioma(s): Português; Kriolu Cabo-verdiano (Cabo-Verde)

Agente(s) de transmissão: Alguns residentes do Bairro do Alto da Cova da Moura (originários de Cabo Verde, das ilhas de Santo Antão e São Vicente).

Especificações:

Os agentes principais de transmissão do Kola San Jon continuam sendo, na sua maioria, residentes no Bairro do Alto da Cova da Moura, originários das ilhas de Santo Antão, São Vicente e São Nicolau, sob o enquadramento institucional da ACMJ, como exposto em 2013. Com o decorrer dos anos, determinadas mudanças na composição do núcleo original do grupo revelaram-se inevitáveis. Desde 2015, a participação do tamboreiro e sócio fundador do grupo António Rosário (Sr. Lela), ex-líder da quadra de tamboreiros, foi sendo gradualmente substituída – por motivo da idade avançada e da perda gradual da audição – pelo atual coordenador da *toka* de tambores, Sr. Teodoro Ribeiro, originário de São Nicolau. A sua especialidade reside na vivacidade da sua expressão corporal, embalada pelas iterações rítmicas do apito, seu instrumento, integralizado para a organização da roda de tamboreiros e da dança *kolá San Jon*, após o afastamento do Sr. Lela. Ao perceber que estava a perder a audição, Lela comprou um apito e ofereceu ao Teodoro. Disse-lhe que tinha observado como dançava o Kolá e que tinha apreciado bastante o seu ritmo. A partir daquele momento em diante, Teodoro tem participado do grupo dançando, e soando o apito (Lopes, 2020, pág. 209). Lela, atualmente, se encontra acamado. Entretanto, vale ressaltar que a participação da família Rosário é constante nas reuniões e eventos. Entre os integrantes do grupo que geralmente ajudam a Niche (coordenadora Eunice Delgado) na arrumação da sala e da cozinha, no final das reuniões, se encontram a esposa do Sr. Lela, D. Rosa, as filhas e sobrinhas Dina, Filó, Marlene, Bela, Anilda, Cheila, netas e netos. Todas dançam bastante nos eventos (incluído Garcia, um dos netos de Lela, que dança Kola San Jon “*moda gent grand*”). Outras crianças e adolescentes também participam, algumas comparecem nas reuniões com os pais ou avós, e às vezes participam dos eventos. A ACMJ assume a logística da festa, a marcação de eventos envolvendo a participação do Kola numa agenda anual de eventos realizada fora do bairro. Esta é parte da função, mais geral, de interlocução com entidades terceiras.

Como se sabe, foi a partir da proposta apresentada em 1991, por um membro da direção da ACMJ, originário de Santo Antão, que a associação assumiu o papel de enquadramento institucional do Grupo, assegurando, desde então, a organização de aspetos que viabilizaram a sua manutenção. Foi o caso, logo no início, da angariação de fundos para a aquisição de tambores e da mobilização de moradores do bairro detentores de saberes específicos, essenciais à concretização da festa (por exemplo, a construção de um navio). Atividades e estratégias de mobilização do perfil *Djunta Mõn* continuam sendo praticadas no seio da associação e da comunidade residente de Kova da Moura. A realização de rifas, feiras, exposições, almoços e jantares de confraternização na cantina da associação ou nos restaurantes do bairro faz parte da sociabilidade do bairro. De forma mais geral, a ACMJ assume a organização e divulgação da festa anual no bairro e o papel de interface entre o Grupo de Kola e entidades terceiras, que o convidam a participar em eventos diversificados.

A construção e consolidação de uma agenda anual de atividades e viagens foi gradual. A partir da noção de que “as preocupações com o bom andar das coisas é uma tarefa anual” (Teodoro Ribeiro citado em Lopes, 2020, pág. 340), a realização de reuniões regulares entre os membros do grupo se mantém. Em 2018, período pré-pandémico, as atividades culturais realizadas fora do calendário tradicional de celebrações no bairro, somaram um número superior a quatro dezenas de atividades desempenhadas sob o selo “ações concretas e metas”. Destas, 30 apresentações foram agendadas pelo Grupo Batuko Finka Pé e 13 apresentações foram agendadas pelo Grupo Kola San Jon de Cova da Moura (Relatório Anual, ACMJ, 2018, citado em Lopes 2020, pág. 341). De entre as várias pessoas que compuseram o Grupo Kola San Jon de Cova

da Moura e se destacaram, ao longo de três décadas, pelo seu envolvimento impulsionador, vale a rememoração das seguintes personalidades

- Eduardo Pontes, membro fundador da ACMJ falecido em 2015, cuja praça em sua homenagem passou a integrar o trajeto do Dia de San Jon em Cova da Moura.
- Joaquim Valério, tamboreiro e membro fundador do Grupo, falecido em 2017.
- Com relação aos integrantes que continuam à frente da organização do calendário anual de atividades e do ciclo festivo, destacamos:
 - Eunice Delgado (Niche), koladeira, relações públicas do grupo e membro da Direção da Associação Cultural Moinho da Juventude, natural de São Vicente
 - Godelieve Meersschaert (Lieve), de origem belga, ex-membro da direção da Associação Cultural Moinho da Juventude, moradora do bairro.
 - Teodoro Ribeiro (Sr. Teodoro): atual coordenador do grupo de tamboreiros, membro da associação, organizador das viagens e participante do grupo como assoprador de apito e dançador. Originário da ilha de São Nicolau.
 - António Rosário (Sr. Lela), ex-líder da quadra de tamboreiros e originário de Santo Antão. Atualmente se encontra acamado e afastado das funções que costumava desempenhar. Foi homenageado no ano de 2018 pelos colegas tamboreiros (conferir Lopes, 2020, pág. 225-230).

A Configuração do bairro continua sendo celebrada no traçado do trajeto anual pelas ruas, travessas e becos de Cova da Moura. A homenagem prestada na pracinha Eduardo Pontes, situada no cruzamento das ruas Teófilo Braga e Bernardino Machado, em Damaia, acontece desde 2016. A recriação sônica da história, das trajetórias e dos valores da sociabilidade pelos integrantes do grupo, moradores do bairro e os participantes de outras paragens, fundem-se numa moldura humana que dança ao ritmo instigante dos tambores, apitos e interjeições (*Oh sébe! Oh q' sabe!*). Esta euforia caracteriza o público, o coletivo, enquanto o silêncio preconiza a marca das emoções mais fortes, como por exemplo, nos momentos de luto. Vale assinalar que, em virtude do prestígio social que alguns moradores detêm, em alguns funerais assiste-se ao *txoru* (forma de lamento) do batuko e à *toca* de tambores no momento do sepultamento (Lopes, 2020, pág. 386).

Os processos de transmissão intergeracional da prática, assegurados pela participação de jovens e crianças na festa e noutras performances do calendário anual de atividades, continuam ocorrendo regularmente. São diversos os estatutos e papéis das koladeiras, dos tamboreiros, do capataz e almirantes. Processos de transmissão e resinificação acontecem a partir da associação da festividade ao grupo de kola infantil (o “Kolinha”), pela incrementação de uma agenda anual de atividades noutros municípios e comunidades, assim como, pelo envolvimento ativo dos mais novos (filhos, netos, bisnetos, amigos) nas reuniões do Grupo de Kola.

Com relação aos artefactos utilizados durante as práticas do Kola San Jon de Cova da Moura, deve-se levar em conta que estes apenas ganham significado quando inscritos num trajeto representado por meio de um cortejo festivo. Pois, se mantêm interdependentes e interrelacionam-se durante o processo inteiro. A imagem do santo, ao contrário do que acontece em Porto Novo, Cabo Verde, fica guardada sem nenhuma aura de solenidade e é mantida distante de qualquer prática religiosa católica no Município da Amadora. Para a ocasião do Dia de São João, antes de seguir em cortejo pelas ruas, retira-se a poeira, as folhas secas e, com muito esmero, enfeita-se com flores e folhagens fresquinhas. Crianças e adultos posam para foto ao lado da imagem de São João. Algumas pessoas devotas fazem e cumprem promessas durante o dia. Os tambores, na sua maioria, continuam sendo construídos pelo mestre Tito Duarte, natural de Santo Antão (irmão de Bibia Rodrigues, membro fundadora). Alguns tambores ainda são forrados com pele natural de

cabrito, mas, peles sintéticas são igualmente usadas. Destaque para a inovação realizada pelo artesão no navio de San Jon. Em virtude das viagens internacionais, especialmente, o transporte dos navios sempre foi um constrangimento. Por este motivo, Tito Duarte fabricou um navio desmontável e dobrável cuja funcionalidade e praticidade são salutares.

Origem / Historial:

A festa de Kola San Jon/ Colá San Jon é uma prática cultural que tem a sua origem e é celebrado em várias ilhas do arquipélago de Cabo Verde, localizado na costa ocidental africana, a uma distância de 455 km do continente africano. O termo Kola San Jon foi mencionado nas publicações do século XIX, na Revista Cabo Verde (1958) por autores e intelectuais como Manuel Ferreira (1917-1992) e Baltazar Lopes (1907 – 1989). De forma particular, a Festa de Kola San Jon de Cova da Moura está associada a “um momento fundador específico” (Lopes, 2020, p. 187), o qual foi evocado pelos diferentes atores envolvidos, a partir de um contexto histórico relativamente recente e igualmente específico. Com efeito, o autor refere-se ao contexto histórico no qual estão implicados o processo colonial tardio empreendido nos territórios africanos que estavam sob o jugo do colonialismo português – trabalho forçado “as roças de São Tomé”, Angola, S. Tomé, Cabora Bassa em Moçambique; as fomes coloniais em Cabo Verde, os programas de migração internacional voluntária e involuntária (cf. Monteiro, 2018); os acontecimentos que se sucedem em Portugal, desde a eclosão das guerras de libertação em África – a crise dos retornados; a intensificação gradual da imigração proveniente dos “novos” países independentes e migração interna (êxodo rural); o aumento da pressão demográfica e a crise em torno da propriedade no período da democratização após 1974; e as consequências destes fenômenos que sobrevivem até os problemas enfrentados pela sociedade portuguesa na atualidade. Um aspecto específico relaciona-se com mundo social de cabo-verdianos em Portugal que começaram a chegar no país como imigrantes laborais desde 1960 onde foram empregados como operários nas indústrias a baixos salários e privados dos direitos de trabalho, segregados em casernas nos canteiros de obras, bairros autoconstruídos etc. Enfim, o perfil dos migrantes que construíram o bairro Alto da Cova da Moura. Neste contexto, a festa de Kola San Jon de Cova da Moura resulta dos processos históricos, sociais, econômicos, políticos que permearam a vida e traçaram os destinos dos seus integrantes. Estes processos essencialmente de luta e resistência por dignidade e identidade, sobretudo pelo direito ao lugar, em uma base quotidiana têm sido resilientes por décadas.

A proliferação de bairros autoconstruídos na área metropolitana de Lisboa foi um processo que alcançou relativa visibilidade ainda na década de 1980. Vários autores o classificam como um fenômeno recente. Mas, a realidade é que a cidade de Lisboa sempre esteve sujeita a pressões demográficas, as quais começam a preocupar as autoridades civis desde o final do séc. XIX. Não obstante, a história nos informa que a resolução sustentável dos diversos problemas criados pela situação nunca fez parte da agenda de prioridades das autoridades competentes. Ao contrário, as medidas adotadas foram sempre segregativas, levadas a cabo na base da proibição, interdição, da coerção [violência] policial e com a conivência dos meios de comunicação social, especialmente após a adesão de Portugal à União Europeia.

Depoimentos que denunciam usos arbitrários e abusos das categorias “proibição” e “punição” por parte dos órgãos do poder público e privados contra os moradores do bairro Alto da Cova da Moura não são raros. Neste contexto, questões sobre a racionalização do espaço, dos papéis sociais e do crime os estigmas da ilegalidade, criminalidade e violência nos discursos, nas políticas e práticas da “integração” migrante em Portugal se encontram na base das mobilizações em torno das iniciativas que vieram encorajar, entre outras, a representatividade cultural e tradicional ativas a partir de meados da década de 1980. Nesta esteira, a pertinência do argumento em torno do “momento fundador específico” do grupo e da festa de Kola San Jon do bairro Alto da Cova da Moura tem menos a ver com a essência de um momento “autêntico”,

do que com a identificação das redes de relações estabelecidas entre diferentes atores individuais que agiram, consciente e coletivamente, no seio da comunidade. Esta iniciativa contou com o apoio de um ator social – a ACMJ – no intuito de incentivar uma festividade, através da qual pudessem ser celebrados aspectos da identidade cultural cabo-verdiana.

Originalmente, sabe-se que a primeira iniciativa em torno da festividade do Kola San Jon aconteceu em 1984 a partir de um grupo de moradores do bairro preocupado com a visibilidade da sua cultura tradicional. Esta iniciativa seria retomada no início da década de 1990 a partir duma proposta apresentada à ACMJ por sócios e moradores que visava a mobilização do bairro como um todo, em particular a moradora natural da ilha de Santo Antão, a Galdina Valério, conhecida no bairro pelo nome de Dina que afirmou que também era preciso dar visibilidade a cultura da sua ilha, (Colá/kola San Jon) uma vez que o Moinho da Juventude já estava a apoiar o Batuku desde de 1988, expressão musical representativo da Ilha de Santiago.

As iniciativas foram múltiplas e envolveram moradores e familiares, sócios e voluntários da associação no intuito de promover a retomada dos saberes, artefactos e práticas que caracterizam as festividades de Kola San Jon. Nos arquivos internos da Associação encontramos o seguinte registo no ano de 1996: “Fomos procurando os sócios e moradores que podiam colaborar. Dina lembrou-se de “um primo” que sabia fazer o barco (...) foi indicando outros sócios e vizinhos que conheciam bem as tradições da Festa. As estagiárias do Serviço Social (Elvira [Pereira] e Isabel [Nascimento]) foram contactando e falando com as pessoas e pouco a pouco foi-se preparando a Festa. Elas aperceberam-se dos muitos requisitos, muitas cerimónias e regras da festa do Kola San Jon. Foi também a descoberta de muitas capacidades desconhecidas: vários sócios e moradores conheciam tudo sobre a feitura de um tambor, sabiam todos os pormenores sobre a preparação e qualidades das peles para os confeccionar.”

Igualmente, o estabelecimento do trajeto a ser percorrido pelo cortejo festivo deu-se a partir da costura coletiva de memórias e narrativas que contestam as representações segregativas e marginalizantes da mídia e da sociedade civil, sobre os bairros autoconstruídos pelos migrantes. Durante o trajeto do Kola San Jon, os participantes procuram recriar, a seu modo, através do dispositivo da memória, uma determinada sociedade. Deste modo, a redefinição das relações espaciais e temporais, o estabelecimento e restabelecimento de relações sociais, a formação do corpo e a manifestação de personagens sociais em contínua formação estão associadas à prática performativa da festividade.

Em mais de três décadas, a trajetória do Grupo é também a trajetória dos moradores do bairro e de crescimento da Associação Cultural Moinho da Juventude. A história de um bairro habitado essencialmente por operários da construção civil, funcionários dos serviços de limpeza pública e privada, trabalhadores das fábricas, dos estaleiros, peixeiras, call centres, empresas de segurança, etc. A própria história do bairro demonstra que a mobilização dos seus moradores em torno de temas de interesse comum, não ocorre somente em eventos pontuais, tais como: manifestações; festividades; protestos, mas também em simpósios, seminários e formações. A mobilização também acontece através dos pesquisadores em colaboração com os grupos culturais constituídos no seio da associação em particular através do Centro Tomkwickz da Associação Cultural Moinho da Juventude. Na manutenção duma agenda permanente de atividades e intervenções numa variedade de eventos que abrange desde o âmbito lúdico pedagógico, desportivo e artístico até o ativismo, a reivindicação formal e profissionalização.

Neste contexto, as festas de Kola San Jon têm passado por várias transformações ao longo do tempo. Vivenciaram altos e baixos, perdas e ganhos ao longo da trajetória. Vários elementos fundadores já se foram (emigraram para outras paragens ou morreram), outros foram sendo absorvidos e adotaram o modo de ser do grupo, o qual, de acordo com alguns integrantes: “um grupo nada fácil”. Ao longo deste processo constata-se a existência de uma atividade performativa intensa da prática festiva, quer no bairro ou fora dele. Durante a história da prática da festividade em Cova da Moura é possível assinalar alguns marcos que

acabaram por fazer a diferença no processo de consolidação do Grupo. Em 1998, o Grupo de Kola San Jon participou, junto com o batuko Finka Pé na Expo '98. Em 2007 foi convidado para participar na filmagem do filme *Fados* do realizador espanhol Carlos Saura. Em 2008, o grupo viajou a Cabo Verde e participou das festividades em Santo Antão e em São Vicente. Em 2011, o Grupo também participou de outro filme, desta vez do cineasta português Rui Simões *Kola San Jon é Festa di Kau Berdi*. No mesmo ano, o grupo viajou para Bomarzo e Ronciglione, na Itália onde participou da exposição nacional de arte contemporânea “ Il Esposizione Nazionale delle Articontemporanee - Prêmio Centro 2011”. Desde 2012, o Grupo tem participado de forma surpreendentemente notável das festas de Santo Antônio de Lisboa. No mesmo ano, foi realizado o inventário da inscrição da prática do Kola San Jon como Patrimônio Cultural Imaterial, cuja aprovação e posterior publicação no Boletim Oficial da República do resultado favorável deu-se em 2013. Além disso, houve a participação nas Marchas Populares de Lisboa por duas vezes, 2015 e 2016. Nos anos seguintes, o grupo se propôs ao cumprimento das agendas de ações concretas e metas: para o ano de 2018 realizou-se a festa de Santa Cruz (05/06); o trajeto durante os festejos de Santo Antônio de Lisboa (12/06); participou das atividades durante a visita do projeto *Peace Boat*, no âmbito do projeto Sabura ao bairro de Cova da Moura e a Associação Cultural Moinho da Juventude (14/06); os festejos de Kola San Jon (23/06); a visita a Laranjeiro (24/06); a Parada do Campo do Ourique (01 e 02/07); a projeção do filme de Rui Simões na Padaria do Povo em Campo do Ourique (02/07); a viagem de intercâmbio a Luxemburgo para participar do evento *Weekend Capverdien* realizado pela Associação Veteranos do Norte (associação de imigrantes cabo-verdianos em Luxemburgo), na cidade de Ettelbruck (13-15/07); a participação na festa de Nossa Senhora de Boa Viagem no bairro Serra das Minas e, no mesmo dia, a participação na Festa da Junta de Freguesia de Falagueira (16/09); participação na festa em Apelação (29/09); a realização do almoço para a angariação de fundos (07/10); a visita da Rainha Mathilde da Bélgica (23/10) e o funeral da Dona Ernestina (17/11).

Para além das agendas festivas, a ACMJ igualmente investiu esforços perenes na realização de eventos académicos como o Colóquio Kola San Jon – Patrimônio Cultural Imaterial (2014), realizado em Amadora pela associação; o Colóquio Kola San Jon “Cultura Proibida, Patrimônio Estimado” (2015), realizado no Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa e em parceria com o Moinho. Não se pode desconsiderar que, em última instância, a simbologia do cortejo de Kola San Jon está inscrita na caminhada simbólica em torno dum trajeto simbólico e, ao mesmo tempo, físico através da ativação de um dispositivo identitário em prol das reivindicações e da afirmação de identidade cultural.

Ação: Pedido de revisão

Responsável: Associação Cultural Moinho da Juventude

Critérios genéricos de apreciação:

Em conformidade com o disposto no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho foi materializada a inscrição da inventariação do Kola San Jon da Cova da Moura na base de dados de património imaterial de Portugal, oficialmente publicado no Diário da República Portuguesa em outubro de 2013. Na época a ACMJ, na qualidade de entidade responsável pela iniciativa, considerou ser relevante a inventariação da festa de Kola San Jon de acordo com os seguintes critérios genéricos de apreciação, constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º do mesmo diploma. Transcorridos quase uma década da publicação da notícia da inscrição da Festa do Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (PCI) a Associação Cultural Moinho da Juventude, na qualidade de entidade responsável pela iniciativa, vem requer a revisão ordinária da inventariação da festa de Kola San Jon no Inventário Nacional

do Património Cultural Imaterial com os seguintes critérios de revisão, disposto no artigo 8.º e constantes nos números 2 e 3 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho.

Património Associado

Património cultural móvel: À realização do Kola San Jon está associada a manufactura e uso de diferentes artefactos que o incorporam, designadamente: a) Um elemento central do cortejo no Kola San Jon é o “navio”, pequeno navio que o “comandante” (ou “almirante”) leva dançando, num modo que evoca a arte de velejar. A ACMJ dispõe hoje de quatro navios, todos eles construídos no bairro por homens que aprenderam a fazê-lo em Cabo Verde. Eventuais adaptações e inovações nunca são descartadas nos processos de manutenção da festividade. Por exemplo, os projetos de construção do navio absorvem o exemplo do navio desmontável construído em 2019 por Tito Duarte em Cova da Moura. Este projeto em particular é um exemplo válido: na sua construção o artesão levou em conta a utilização de materiais leves e maleáveis a exemplo de tipos macios de mogno, madeira espanhola de cor amarelada conhecida como samba, quilha de pinho, pares de arcos de carvalho desmontáveis e acopláveis aos arcos de alumínio, com parafusos de ligação e porcas de orelha, mastros com molduras e velas branco sujo; b) Outro artefacto importante é o tambor, com o qual se faz “a toca”. Vários são os tamboreiros que constroem o seu próprio tambor. Para a construção do tambor é necessária uma folha de madeira de faia, carvalho ou casquinha, que seja inteira (sem nós). A folha é enrolada e fixada em dois arcos, também de madeira, assim se fazendo o corpo principal do tambor. Coloca-se então a pele, de cabrito (ou ovelha) de até três meses de idade, que é esticada e presa com o auxílio de cinchos. Por fim, outros dois arcos de madeira, exteriores, cingem e cobrem as extremidades da caixa e da pele, sendo unidos por corda. O tambor afina-se puxando a corda do meio, a que se chama véu, como também apertando ou folgando os nós denominados de adriça que prendem as cordas laterais em diagonal, as quais sustentam os cinchos e as peles de ambas as extremidades do instrumento. Na Europa, os tamboreiros vêm adotando pele sintética para “forrar” seus tambores. Muitos se manifestam satisfeitos durante a execução de “tocas”; c) Os rosários que adornam o navio, o santo e os participantes. São feitos de “roscas” (pequenos bolinhos de massa de pão), pipocas, massinhas e rebuçados, intercalados por quadradinhos de papel de diversas cores contrastantes entre si (azul, amarelo, vermelho, verde, branco, entre outras), resultando em colares muito coloridos. Os rosários são feitos sobretudo pelas mulheres e elaborados de novo para cada festa. d) O ramo para leiloar é feito de cana-de-açúcar, a que pode juntar-se um pé de milho verde. O ramo é enfeitado com alimentos, como o chouriço, carne assada, mandioca, batata-doce, banana, entre outros que se queira colocar. Nas palavras de uma responsável pela sua manufactura, “por se tratar de um ramo ‘de romaria’, convém pôr flores”. Pode enfeitar-se também com rosários, para ficar mais bonito e pode pôr-se “um bocadinho de aguardente numa garrafinha, que (...) faz a inspiração da própria festa”.

Património cultural imóvel: A existência e transmissão do Kola San Jon está intimamente associada à origem e vida social do Bairro da Cova da Moura, surgido num espaço intersticial da expansão urbana, onde migrantes recém-chegados à Área Metropolitana de Lisboa encontraram a possibilidade de construir para si e as suas famílias uma habitação. A construção do bairro assentou de forma importante em práticas de entreajuda e reciprocidade (“Djunta Mon”) que fazem dele, para os seus habitantes, uma manifestação concreta da capacidade de ir mais longe através da colaboração. Olhando o espaço vivido e a sua sedimentação ao longo de uma história particular, a própria configuração do bairro – marcada por uma organização horizontal do espaço edificado, por complexas dinâmicas de apropriação e pela intensa ocupação mista das ruas (como espaço público e como extensão do espaço doméstico) - consiste num testemunho dos valores da ajuda mútua. Desde cedo o bairro contou com a criação de associações locais

que assumiram o papel de defensoras do interesse colectivo e de interlocutoras do poder público; entidades essas organizadas hoje numa Comissão de Bairro. As associações pegaram na noção de “Djunta Mon” e estenderam-na ao poder da mobilização colectiva para a resolução dos problemas de todos, tendo-se mobilizado para o ordenamento do espaço, infraestruturação e prestação de serviços à população local. Em 2002 o espectro da demolição da Cova da Moura uniu a população e associações locais numa Comissão de Bairro, na oposição a projectos da Câmara Municipal conducentes à demolição do bairro e sua substituição por outro tipo de urbanização. Esta mobilização deu frutos, conseguindo-se que no bairro da Cova da Moura ocorresse uma das operações piloto desenvolvida no quadro da Resolução do Conselho de Ministros (Resolução do Conselho de Ministros n.º 143/2005 de 2 de agosto), Iniciativa Bairros Críticos (IBC). No âmbito desta, a qualificação urbanística do Bairro avançaria visando a melhoria do tecido urbano existente e o direito dos moradores a permanecer no local. No entanto, desde Abril de 2012 a participação do IHRU na IBC foi interrompida, reestabelecendo-se a incerteza quanto ao destino da Cova da Moura. Não obstante ter-se estabelecido no bairro consenso quanto à existência de problemas urbanísticos e habitacionais a resolver, a ameaça de demolição do bairro juntou ao sentimento de identidade e auto-realização, por parte de quem o construiu, um forte sentimento de resistência, que fortaleceu noções de pertença a uma comunidade territorializada. A ligação com expressões culturais trazidas para o bairro ou ali criadas pelos seus habitantes, como o Kola San Jon, o Batuque Finka Pé e o Rap, surge em continuidade com a dinâmica descrita, de pessoas, famílias e associações locais. Se, por um lado, estas expressões culturais contribuem para a sedimentação da pertença ao lugar, por outro elas são fruto da história muito própria do bairro da Cova da Moura e das dinâmicas que essa história gerou. Património cultural imaterial

Património Natural associado: Não existe relação entre a salvaguarda do Kola San Jon e a salvaguarda de património natural, no que respeita a espécies, áreas ou paisagens protegidas.

Estudos, metodologias e programas:

A atividade da Associação Cultural Moinho da Juventude baseia na potencialização das habilidades criativas das populações ali residentes com vista ao desenvolvimento comunitário à escala do Bairro do Alto da Cova da Moura, apesar das suas ações e diligências não incidirem apenas sobre as mesmas, pelo contrário, transbordam para bem longe a sua delimitação geográfica. No concerne, de forma específica ao Kola San Jon, podemos assinalar ligeiros avanços desde 2013 no que diz respeito a integração ou realização de atividades sistematizadas em conjunto com outras respostas sociais do Moinho da Juventude. Relembramos que a permanência no Jardim de Infância, criado, por iniciativa de educadores do Jardim de Infância, o “Kolinha” (Grupo de Kola), que conta com um navio construído com as crianças e, destacamos, o incremento de participação das respostas sociais na realização da festa do Kolá San Jon, a realização de workshops de tambor em conjunto com Centro de Atividades e Tempos Livres que resultou na entrada de crianças, com idade compreendidas entre 12 a 14, no grupo. Ainda, sem esquecer a apresentação conjunta entre uma educadora e adolescente do Centro de Atividades e Tempos Livres no Colóquio Cultura Proibida, Património Estimado, organizado pelo Moinho de Juventude em junho de 2015 no Museu Nacional de Etnologia, do qual resultou na publicação do livro com o mesmo título. Não menos importante, podemos enfatizar a publicação do livro infantil Kola San Jon.

O reconhecimento do Kola San Jon no espaço público tem contribuído no fortalecimento da autoestima da portuguesa de origem cabo-verdiana e de migrantes de várias origens bem como na quebra do “fechamento social”, rompendo as barreiras de segregação, sendo motivo de visita centenas de pessoas que, anualmente, vindo de várias partes do território nacional e do estrangeiro para celebrar o kola. Assim sendo, o Kolá San Jon tem sido uma espécie de catalizador de relações, ao propiciar contexto para diálogos

e troca de vivências entre pessoas de várias origens, culturas e latitudes. Nesse sentido, consideramos que continua válido a ideia de que reforçando o reconhecimento e a divulgação do Kola San Jon vem constituindo, cada vez mais, um contexto em que se trabalham as diferentes dimensões do projecto integrado desenvolvido pela associação, designadamente: - ao nível da "interculturalidade", pois ao nível do "estímulo do diálogo", tendo a comunicação sido uma dimensão fundamental no trabalho com o Kola San Jon, conduzindo designadamente à valorização da diversidade cultural no seio do arquipélago caboverdeano, à negociação do seu significado no contexto português e à sua mobilização como capital simbólico na sociedade de acolhimento, quando esta se abre à interculturalidade; - "trabalhar a persistência e a capacidade de realização", esforço que se tem saldado na realização anual da festa, na superação de imensas dificuldades e obstáculos, na continuidade do grupo e na concretização de inúmeras apresentações fora do bairro, com destaque para a viagem para Luxemburgo, a participação nas festas populares de Lisboa a recente participação do Kola San Jon no Rock-in-Rio

Riscos e ameaças: uma das grandes ameaças é a expansão do centro cidade de Lisboa, causada pelos processos de gentrificação by *land gap* e especulação imobiliária, *turistificação*, para as suas zonas limítrofes. Nesse contexto onde decorrem grandes transformações nos cenários urbanos da AML, efetuada pela lógica de acumulação de lucro os terrenos da Cova da Moura, devido à sua localização privilegiada, próxima dos transportes, autoestradas, tornou-se cada vez mais central e, por isso mesmo, apetecível do ponto de vista imobiliário. E assistindo a demolição violenta de bairros como o 6 de Maio e Bairro da Santa Filomena, há risco da Cova da Moura passar pelo mesmo processo o que certamente impactaria de forma significativa na vida dos membros do Kolá San Jon e na própria dinâmica da festa que é inerente a permanência do bairro da Cova da Moura. Isto porque a dinâmica do Kolá está vinculada as redes sociais, culturais, espaços e sociabilidades que caracterizam o bairro da Cova da Moura.

Além disso, um outro risco é o perigo de não transferência de conhecimento, sobretudo no que toca performance do tambor, devido ao envelhecimento de grande parte dos tamboreiros, apesar do grupo ter alguns números de jovens tamboreiros. Somado a isto aparece as dificuldades financeiras que assolam o grupo que não possuem fundo próprio e dos seus próprios elementos serem pertencentes a grupos sociais amplamente desfavorecidos, trabalhando em trabalhos precarizados. Também com aumento de custos de vida, a inflação, algumas dos membros do grupo têm saído à procura de uma vida melhor fora de Portugal, sendo o caso mais recente o caso de uma família onde havia uma criança de 10 anos, neto do fundador do grupo, que tem mostrado grande capacidade em substituir o avô no grupo.

Ações de salvaguarda

Antes de adentrar-nos no que interessa importa trazer para cá, por uma questão de coerência e compreensão, os eixos que constavam no plano de salvaguarda anterior bem como a avaliação de execução do mesmo. Foram essas as medidas de salvaguarda que foram estipuladas na fundamentação da candidatura de inscrição como património imaterial de Portugal, realizado em abril de 2013:

1 – Realização de atividades em escolas básicas situadas nas freguesias da Buraca e da Damaia:

- a) Realização de workshops orientados por elementos do “grupo de Kola San Jon” ou por académicos sobre:
 - a. a construção de tambores
 - b. a dança
 - c. a “toca” de tambor
- b) Exploração do universo visual do Kola San Jon

a. Os jovens exploram o universo visual do Kola San Jon com a orientação de profissionais ligados às artes visuais ou ao design;

b. Nas diversas respostas sociais da Associação Cultural Moinho da Juventude, os Tandens, compostos por um técnico com formação académica e um “técnico da experiência”, bom conhecedor do bairro, explorarão em conjunto com as crianças, jovens e seus familiares os adereços e o universo visual do Kola San Jon.

2 – Realização de atividades com os elementos do “grupo de Kola San Jon” e os habitantes do Bairro do Alto da Cova da Moura

a) Realização de workshops orientados por elementos do grupo Kola San Jon ou por académicos sobre:

a. a construção de tambores;

b. a dança;

c. a “toca” de tambor;

b) Exploração do universo visual do Kola San Jon

Formação de elementos do “grupo de Kola San Jon” em fotografia, que produzirão os seus próprios registos visuais sobre o Kola San Jon, a integrar futuramente na exposição itinerante (atividade desenvolvida pelo projeto ETRA [*Education Through Re-habilitative Art-Photo*], promovido pela Palco de Sombras, iniciado em Fevereiro de 2013)

c) Criação na carpintaria da ACMJ de um núcleo de reparação e construção de tambores, envolvendo um elemento mais velho do Grupo Kola San Jon e aprendizes.

3 – Publicação e edição de:

a) Documentário de curta duração, sobre o Kola San Jon, tendo por base trabalhos de investigação anteriormente realizados. O desenvolvimento do estudo, enquadrado na realização de uma dissertação de mestrado em Comunicação Multimédia, que tem como objetivo a produção do documentário, será realizado por uma aluna do departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro;

b) Livro infantil sobre o Kola San Jon

a. A partir da ação de salvaguarda referida em 1b) uma equipa de investigadores do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro organiza, em colaboração com os vários intervenientes neste processo, um livro infantil.

c) Dissertação de mestrado sobre o Kola San Jon, realizada em 2010, na Universidade de Aveiro.

4–Criação de arquivos:

a) Aperfeiçoamento do núcleo de documentação sobre o Kola San Jon integrado na Biblioteca António Ramos Rosa (sedeada no bairro do Alto da Cova da Moura);

b) Base de dados, em ambiente web 2.0 no qual estará reunida toda a informação sobre o Kola San Jon. Esta plataforma será aberta e de fácil acesso da comunidade. Será útil para a expansão do conhecimento produzido dentro da comunidade principalmente porque esta tecnologia permite a construção de um conhecimento participativo. De acordo com experiências anteriores no domínio da web 2.0, esta ferramenta permite potenciar o sentimento de pertença por parte das pessoas que participam nela. Assim, será construído um arquivo dinâmico que poderá refletir a polissemia associada ao Kola San Jon. Esta base de dados será acessível também a investigadores e outros interessados no aprofundamento do conhecimento sobre o Kola San Jon.

5 - Organização e realização de uma exposição itinerante, que tome como ponto de partida a informação compilada e trabalhada para esta candidatura e se constitua como interface de contato, troca de conhecimentos e investigação futura em parceria com outras comunidades de praticantes do Kola San Jon, em Cabo Verde e na diáspora (Holanda, Itália, Estados Unidos da América, entre outros países). Esta atividade está dependente da obtenção de financiamento, para a qual a Associação Cultural Moinho da Juventude elaborará um projecto específico.

Balanço geral: podemos afirmar, com base em fatos, de que 80% do plano de salvaguarda de 2013 foi cumprido. Assim sendo, importa assinalar ou ainda mesmo apontar que as medidas: Criação de arquivos; e organização e realização de uma exposição itinerante, que tome como ponto de partida a informação compilada e trabalhada na candidatura de 2013 não foram totalmente cumpridas. No que respeita a criação de arquivos a Associação Cultural Moinho da Juventude tem estado a trabalhar com a Universidade Aveiro desde 2018 para cumprir esta missão. Em relação a organização de uma exposição itinerante foram feitas algumas trocas de conhecimento transnacionais com praticantes de Luxemburgo. É por essa razão que no plano de salvaguarda que se segue foram novamente incluídas.

Ações de salvaguarda:

As medidas ou ações que visam assegurar a viabilidade do Kolá, como património cultural imaterial são as seguintes:

1. Mobilização e interconexão entre grupos de Kolá
 - a) Organizar ações que promovam o encontro entre integrantes do grupo Kolá tanto a nível nacional e internacional com objetivo de partilhar experiências e conhecimentos
2. Pesquisas, mapeamentos e inventários participativos
 - a) Organização de um colóquio sobre o Kolá San Jon. Produzir e publicar materiais acerca da história e memória do Kolá San.
 - b) Realizar pesquisas históricas e biográficas sobre os membros do Kolá, particularmente às mulheres
3. Formação/Educação
 - a) Promover ações de formação e transmissão de conhecimento sobre Kolá San Jon nas escolas e jardins de infância;
 - b) Promover formação e treinamento de novos tamboreiros
4. Difusão e Valorização
 - a) Realizar documentários de curta ou longa metragens sobre o grupo Kolá San Jon
 - b) Criar acervo digital sobre o Kolá San Jon;
 - c) Criar versão bilingue (Cabo-verdiano e português) sobre o Kolá em banda desenhada
5. Promover o trabalho de qualificação do bairro da Cova da Moura interconectada com o Kolá
Realizar ações de qualificação através de metodologias participativas com a comunidade local, tendo em consideração a representação da festa Kolá San Jon.

DIREITOS DE AUTOR

Identificação: Direito consuetudinário local (activo)

Titular: Comunidade de moradores do Bairro do Alto da Cova da Moura

Circunstâncias: Os direitos coletivos relativos à prática do Kola San Jon são de tipo consuetudinário, consistindo na definição do modo específico como se realiza o evento festivo no Alto da Cova da Moura e noutros contextos performativos vividos pelo Grupo de Kola.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, C. S. (2018). Património Cultural Imaterial: Políticas patrimoniais, agentes e organizações. O processo de patrimonialização do Kola San Jon em Portugal. FCSH/ISCTE.

FERRÃO, Carlos, 1898, Estudos sobre a ilha de Santo Antão. Lisboa, Imprensa Nacional.

LIMA, Antónia Pedroso; Cordeiro, Graça Índias, 1991, "Santos de Junho", in Enciclopédia Temática Portugal Moderno – Tradições. Lisboa, Pomo Editores., pág. 81-89.

LOPES, Alcides José Delgado. (2017) *Os Tamboreiros da Ilha das Montanhas: música e sociabilidade no Colá San Jon de Porto Novo*. Praia – Cabo Verde. Editora Pedro Cardoso Livraria.

LOPES, A., & Carolino, J. (2020). Formas Resilientes da Tradição na Diáspora Africana em Lisboa: Kola San Jon e o Direito à Cidade. *Finisterra*, 173-188.

LOPES, Alcides José Delgado. Sobre adriças e cabrestos: o Kola San Jon de Cova da Moura e as formas resilientes da tradição na diáspora africana em Lisboa-Portugal. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. *Colóquio FALMAMOINHO DA JUVENTUDE*, 2017 *Cultura Proibida, Património Estimado* org. Associação Cultural Moinho da Juventude. - Buraca: Associação Cultural Moinho da Juventude.

MIGUEL, Ana Flávia, 2010, Kola San Jon, Música, Dança e Identidades Cabo-Verdianas. Aveiro: Dissertação de Mestrado em Música apresentada à Universidade de Aveiro.

MIGUEL, Ana Flávia; Castro, Isabel; Lanna, Flávia Duarte; Duarte, Alexander. "Quatro estudos de caso sobre a música e a identidade em Portugal, Cabo Verde, Moçambique e Brasil". *Cuadernos de Etnomusicologia*, nº1, Agosto 2011, ISSN:2014-4660. URL: http://www.sibetrans.com/obrir_arxiu.php?arxiu=/publicacions/Cuadernos_de_Etnomusicologia_N_1.pdf, pág. 130-150.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1984, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote.

PEDROSO, Consiglieri, 1988, "Algumas superstições e crenças populares relativas à noite e ao dia de São João", *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e Outros Escritos Etnográficos*, Lisboa, Dom Quixote., pág. 109-127.

PEIXOTO, Rocha, 1990, "O S. João", in *Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)*. Lisboa, Dom Quixote., pág. 57-64.

RIBEIRO, José da Silva, 2000, *Colá S. Jon, Oh que Sabe! As imagens, as palavras ditas e a escrita de uma experiência ritual e social*, Porto, Ed. Afrontamento/Ministério da Informação e Cultura de Cabo Verde.

RIBEIRO, José da Silva, 2010, "Colá San Jon" in Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa, Círculo de Leitores.

RODRIGUES, M. d. (2018). *Kola San Jon de Santo Antão, Cabo Verde – Recurso Pedagógico para Escola Básica - Dissertação de Mestrado em Educação Artística*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo-Portugal.

RODRIGUES, Moacyr, s.d., *Algumas reflexões sobre Kola San Jon e Batuque*. Transcrição de entrevista dada por Moacyr Rodrigues à Radio Argentina transcrita pela Associação Moinho da Juventude (policopiado).

RODRIGUES., M. (1997). *Cabo Verde Festas de Romarias Festas Juninas*. São Vicente

VASCONCELOS, José Leite de, 1986, *Tradições Populares de Portugal*, 2ªEd. [revista e aumentada]. Lisboa, INCM.

VASCONCELOS, José Leite de, 1988, "Oráculos de Amor", in *Etnografia Portuguesa, Vol.X*, Lisboa, INCM., pág. 190-194.